

IUMATTI, P.; SEABRA, M.; HEIDEMANN,
H. D. (org.) *Caio Prado Jr. e a Associação dos
Geógrafos Brasileiros*. São Paulo: Edusp, 2008, 360p.

AS INTERPRETAÇÕES SOBRE CAIO PRADO JR.

*Diogo da Silva Roiz**

As interpretações sobre Caio Prado Jr. são diversificadas e se avolumam, cada vez mais, no tempo. Por suas características pioneiras e suas qualidades originais, sua obra deu novos contornos sobre a interpretação do Brasil, no momento mesmo em que foi produzida. A trajetória de Prado Jr. é igualmente rica, em seus empreendimentos socioculturais e políticos, com a administração de revistas e editora, tanto quanto com a forma como inquiriu os problemas de seu tempo, ao dar ênfase e efetuar, ao mesmo tempo, uma leitura totalmente original do marxismo para entender os vários sentidos da história do Brasil; e que em seu eixo colonial, voltado para a exportação de mercadorias primárias, junto ao mercado internacional, igualmente lhe fincariam uma fortuna crítica, ao ser excluído das massas nos processos políticos e econômicos, com relação à monocultura, a grande propriedade e ao trabalho escravo.

Se esse mote de questões já torna a obra e seu autor fundamentais para o entendimento do país, tem sido muito feliz também o trabalho realizado por vários pesquisadores

* Doutorando em História pela UFPR, bolsista do CNPq. Mestre em História pela UNESP. Professor da UEMS. E-mail: diogosr@yahoo.com.br.

de procurar tornar pública suas correspondências, seus diários e seus textos dispersos. Está ligada a este movimento a publicação deste livro, cujo foco na participação e na contribuição do autor com a formação da Associação de Geógrafos Brasileiros, enseja mais questionamentos, leituras e caminhos para as interpretações de sua obra e a compreensão de sua trajetória. Além da publicação, em CD-ROM e em partes do livro, da documentação dispersa dos primeiros anos de funcionamento da associação, nos anos iniciais da década de 1930, composta, dentre outras coisas, por cartas, cadernos de atas, listas de associados, quando Prado Jr. dela participaria como secretário, a obra também apresenta como se deu tal associação, a dinâmica da historiografia nas primeiras décadas do século passado, quais os vínculos de amizade que Prado Jr. construiu por meio da associação, com os textos sugestivos de Manoel Seabra e de Paulo Iumatti, e a entrevista que os organizadores do livro fizeram com Manuel Correia de Andrade, juntamente com a análise e reprodução dos documentos, tornam a edição ainda mais rica.

O dossiê de textos, basicamente, cobre os anos de 1934 e 1935, mas em sua interpretação Manoel Seabra (2008, p. 13-126) estenderia seus comentários para além desse período. Na descrição e comentários circunstanciados que fez para apresentar a organização dos documentos, além de propor uma sistematização para o conjunto, também efetuaría uma interessante abordagem, ao interpretar as atas, correspondências e os vínculos de Prado Jr. na associação. Segundo ele, para ocorrer à fundação da associação foram também fundamentais a participação de Pierre Deffontaines, Jehan-Albert Vellard, Rubens Borba de Moraes e Luiz Flores de Moraes Rego. Para ele:

A primazia da iniciativa por parte de Deffontaines é indiscutível, bastando, por exemplo, reportar-nos à fala de Caio Prado por ocasião da primeira presença de Pierre Monbeig em uma reunião da Associação. A relação de complementaridade com o ensino de Geografia recém-instituído é evidente e, nesse sentido, não é um despropósito Claire Delfosse

afirmar que para criar a cadeira de Geografia ele [Deffontaines] fundou a AGB, mas preferimos a versão de Caio Prado de que a AGB é fruto do ensino de Geografia inaugurado em São Paulo pela FFCL-USP (2008, p. 39).

Além disso, a correspondência permite entender parte do “método investigativo em Geografia que Deffontaines trouxe”, dando ênfase “ao trabalho de campo [...] e à excursão como atividade pedagógica relevante do ensino” (2008, p. 74).

O texto de Paulo Iumatti (2008, p. 127-168) nos oferece igualmente uma rica leitura historiográfica sobre o ‘sentido da colonização’, nas primeiras décadas do século passado, quando Prado Jr. forjaria o conceito, fazendo uso de uma leitura original do marxismo, para interpretar a realidade e a história brasileira. Para formular tal conceito, diz-nos Iumatti, “Caio Prado cotejou os resultados dos trabalhos empíricos ou teóricos de outros pesquisadores com pesquisas empíricas próprias, em parte realizadas, inicialmente, de 1934 a 1935, no âmbito do grupo da Associação de Geógrafos Brasileiros, que se formara a partir da fundação da Universidade de São Paulo em 1934” (2008, p. 130). Naquele momento se daria a feitura dos primeiros esboços, que reelaborados e retrabalhados nos anos seguintes, formariam seu conceito de ‘sentido da colonização’. Foi em meio a essas e outras pesquisas, “cuja abrangência e urgência eram determinadas tanto pelo engajamento político quanto pelo *aprofundamento e aperfeiçoamento da visão do modo como se processava o conhecimento*, [que] Caio Prado formulava as idéias que se cristalizariam em ‘Sentido da Colonização’ sobre temas como a produção para o mercado mundial enquanto chave para compreensão da história brasileira; a natureza e o significado do *plantation system* no mundo moderno e contemporâneo; a perpetuação da herança colonial nos países da periferia do capitalismo” (2008, p. 138-39), entre outras questões. As descobertas que daí provieram, e que resultaram em seu *Formação do Brasil contemporâneo*, de 1942, onde sistematizaria esse conceito, foi palco de vários debates

na historiografia brasileira, tanto quanto na de outros países, pois, sua leitura original dos mecanismos de funcionamento do capitalismo mercantil e seu significado para as periferias do sistema, como no caso das colônias que serviam basicamente como fornecedoras de produtos primários, seria verdadeiramente um marco. E é nesse ponto que o autor indica de que modo Caio Prado se enriqueceu com a leitura da historiografia europeia (portuguesa e francesa especialmente), assim como alguns de seus livros foram lidos, resenhados e interpretados fora do país, com especial destaque para o caso da França. Para ele, foi justamente esses debates que possibilitaram a divulgação do conceito de 'sentido da colonização' em outros países, bem como o questionamento quanto a sua operacionalidade para outros espaços da América Latina. Contudo, o autor não avança efetuando um levantamento sistemático dessas discussões, nem tão pouco agrupando como dialogaram com a obra de Caio Prado, ou quais leituras e críticas fizeram ao conceito de 'sentido da colonização' – exceto para alguns exemplos tirados de certas leituras efetuadas na França.

Certamente que com a entrevista oferecida por Manuel Correia de Andrade, e incluída na edição, juntamente com os textos integrais e imagens de Caio Prado junto à associação, viriam a tornar ainda mais denso e consistente o trabalho aqui realizado. No caso da entrevista oferecida por Manuel Correia de Andrade, a Paulo Iumatti, Heinz-Dieter Heidemann, Manoel Seabra, Vanderli Custódio e Régis Gonçalves, estes procuraram verificar qual a importância da obra de Caio Prado Jr. para as pesquisas de Correia de Andrade, quais os laços de amizade que se construíram entre eles, que tipo de correspondência trocaram ao longo de suas trajetórias. Também nesse caso, os proponentes desta entrevista tomam como fio condutor a Associação, e no amplo acervo documental que esta deixou, um ponto importante foi justamente a correspondência entre Caio Prado e Manuel Correia. Esta foi a principal razão de incluírem esta entrevista no livro. Além disso, outro ponto importante que a entrevista destaca são as relações de amizade, os debates políticos

e a contribuição da obra de Caio Prado para o desenvolvimento dos estudos geográficos brasileiros. No campo específico dos debates políticos, Manuel Correia retoma a importância do marxismo e como Caio Prado se apropriou dele. Em suas palavras: “vejo, no marxismo, duas facções: uma ortodoxa, que praticamente apenas repete a teoria de Marx; e outra heterodoxa, que procura aplicar o pensamento marxista à investigação dos fatos”, e o “Caio afinava-se com essa segunda corrente”, pois, como lhe indicou certa vez, “deveríamos encarar o marxismo como um método e não, uma doutrina” (2008, p. 189). Ao irem demarcando esses debates com o entrevistado, também procuraram ver como ele agrupava a obra de Caio Prado na historiografia brasileira, e que relações e debates via entre ela e as obras de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Nelson Werneck Sodré, dentre outros.

A reprodução do acervo documental produzido pela Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) em CD-ROM e em partes do livro (2008, p. 213-332) é outro ponto importante da obra. Nela os autores agrupam os livros de ata, as correspondências, listas de associados, mapas e textos. No acervo de correspondências os autores indicam tanto as ativas (de Caio Prado) quanto às passivas (que recebeu de outros autores), reunindo as trocadas entre Caio Prado e Deffontaines, J. Vellard, Pierre Monbeig, Rubens Borba de Moraes, Theodoro Sampaio, Aroldo de Azevedo. Entre as várias questões que as correspondências indicam está os graus de amizade e as relações profissionais entre Caio Prado e os correspondentes. Como se pode ver, entre várias outras coisas, os vínculos que se construíram entre Caio Prado e Deffontaines, onde este indicaria em carta de 1 de outubro de 1936 que: “soube pelo jornal que você está preso, e estou muito inquieto sobre o futuro de sua atividade científica. Sabe que um pouco por mim é que você foi descoberto, e tenho por você uma consideração toda especial. Temo que a sua atividade política venha a entrar o seu trabalho científico” (2008, p. 238-39). Contudo, desde “a minha chegada ao Brasil, entendi-me com você; tenho todo um plano

de trabalho, uma verdadeira estratégia de desvendamento geográfico do Brasil” (2008, p. 239).

Nesse sentido, a obra estimula novas rotas de pesquisa sobre a obra e a trajetória de Caio Prado Jr., além de permitir a consulta de material inédito. Com isso, certamente será uma referência para a melhor compreensão dos rumos da obra, tanto quanto do percurso que o conduziu a produção de uma interpretação original sobre o Brasil e a sua história, com base no marxismo.